

PRÁTICAS FOTOGRÁFICAS E MEMÓRIA: A FÁBRICA BANGU

Fernando Torres de Andrade*

Resumo: Este trabalho, fruto de nossa pesquisa de dissertação em andamento, investiga o modo pelo qual um grupo de adolescentes alunos de uma oficina de fotografia, no bairro de Bangu, selecionam, produzem e interpretam as imagens. Com as fotos feitas por eles de um shopping inaugurado em 2007 aliadas a imagens antigas da Fábrica de Tecidos Bangu, é realizada uma análise comparativa sobre os aspectos relativos às mudanças que o bairro vem sofrendo ao longo do tempo. O que se propõe é uma interpretação do contexto cultural do passado *versus* presente, formando uma composição da identidade imagética do grupo.

Palavras-chave: fotografia – memória – imagem

Abstract: This work is the result of our ongoing dissertation research, which investigates the way a group of adolescents, students of a photography workshop program in the district of Bangu, selects, produces and interprets images. Students shoot pictures of a mall inaugurated in 2007 and compare them to old images of the Fábrica de Tecidos Bangu, a fabrics factory. This allows an analysis of the aspects born from the changes the district has been suffering throughout the years. The photographic work developed by the students proposes the interpretation of the cultural context of the past *versus* the present building an imaging identity of the group.

Key words : photography – memory – image

Introdução

A fotografia foi inventada no século XIX, e ainda exerce um certo fascínio em um grande número de pessoas e, a contar pela e sua expansão ao longo do século XX, chega ao século XXI ampliando ainda mais a sua capacidade de atingir um grande público através do suporte digital. O trabalho que segue refere-se a uma dissertação de mestrado em andamento que trata das práticas fotográficas exercidas por alunos de uma oficina de fotografia e a relação entre o conteúdo das imagens e o bairro onde moram.

Nas Ciências Sociais vemos que as discussões com relação à fotografia abordam aspectos como o seu uso nas pesquisas, o seu papel como memória ou como documento e a análise de imagens. Reconhecemos que ela vem sendo utilizada cada vez mais nas pesquisas,

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

2

o que ressalta uma maior preocupação com relação às leituras e com o conteúdo das imagens que nos cercam.

De certo modo, as reflexões a respeito da fotografia têm um caráter restritivo. Embora a imagem, sim, tenha um papel sagrado, social e psicológico que ainda está por delinear, esse papel não implica revelações de vários níveis, que levem a uma compreensão mais abrangente de seu conteúdo, Idéias, teorias, sentimentos, deduções não são transponíveis para a imagem fixa e isolada, embora a imagem móvel, ou as séries de imagens, contando com o engenho de quem as examina e reúne, possam vir a exprimi-los. (LEITE, 2000:77)

Este trabalho trata de um aspecto específico que tem como objetivo identificar o olhar de alguns adolescentes sobre o bairro onde moram a partir das fotografias feitas por eles e também por fotos antigas pesquisadas em um acervo local. Estes alunos fazem parte de uma Oficina de Fotografia que está inserida no Pólo de Educação pelo Trabalho Presidente Médici ligado à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

A Oficina de Fotografia está organizada em duas aulas por semana, com três turmas de até dez alunos cada, com idade que variam de nove a quatorze anos. Ao longo do semestre letivo os alunos têm noções básicas sobre o manuseio de câmeras fotográficas amadoras, profissionais e digitais, revelação e ampliação de filmes preto e branco, além de um trabalho com câmeras *pin-hole* que são elaboradas a partir de latas ou caixas de papelão. A proposta de trabalho leva em conta algumas aulas de análise de imagens de jornais ou revistas bem como a discussão sobre a forma pelo qual produzem e interpretam suas imagens elaboradas dentro da escola e nas saídas fotográficas realizadas em museus ou mesmo no bairro.

As saídas fotográficas próximo ao bairro são em torno de quatro ao longo do semestre pois apesar de serem um atrativo e fonte de motivação dos alunos existe uma certa preocupação por parte do professor em não modificar muito o horário das oficinas pois isso pode gerar ao mesmo tempo um fator de desmotivação dos alunos para freqüentar as oficinas.

Este texto tem como ponto de partida duas saídas fotográficas realizadas a pé entre o Pólo e o atual Shopping Bangu e objetivou a reflexão sobre as transformações ocorridas no bairro com a implementação da Companhia Progresso Industrial do Brasil – Fábrica Bangu em 1899 e a transformação do seu espaço em *shopping* em outubro de 2007.

Uma fábrica que criou um bairro

Bangu era uma região composta de sítios e fazendas com produções de subsistência e de lavoura de cana-de-açúcar localizadas na base do Maciço da Pedra Branca entre as localidades de Realengo e Campo Grande. A implantação da Fábrica neste local deveu-se em

3

razão da existência de mananciais de água nas fazendas (seis das oito etapas de produção necessitavam dela) e por contar com uma linha férrea que ia até Santa Cruz o que facilitaria a chegada de matérias-primas e o escoamento da produção. Dessa forma a Fábrica foi instalada ao lado desta linha e criou posteriormente um ramal que passava por dentro de seu terreno. A expansão deu-se em função do bairro de ter sido pólo de atração de um grande número de pessoas bem como no que se refere à organização espacial de ruas, rede de abastecimento, moradia e desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria teve como base a implantação desta Fábrica naquela localidade.

O edifício da fábrica “possui linhas típicas inglesas, características do período neoclássico, apresentando arcos romanos, frontões gregos e grandes platibandas, de partido horizontal.” (SILVA, 1989:25) Possui uma chaminé de tijolo aparente e uma torre de menor altura onde se localiza o relógio de quatro espelhos. As fundações são de concreto e servem de base para as paredes de tijolo aparente. Grande parte do material da fábrica como tijolos, vigas de ferro, telhas, colunas vieram da Inglaterra e ainda hoje fazem parte da construção que foi mantida pelo *Shopping Bangu*. A fachada do prédio principal foi tombada e a maior mudança decorrente da implantação do *shopping* foi com relação à parte interna, onde paredes foram demolidas cedendo lugar às lojas.

A Fábrica Bangu teve sua participação na organização e asfaltamentos de ruas, na criação da vila operária, do time de futebol Bangu Atlético Clube, na canalização de córregos que vinham do Maciço da Pedra Branca, na criação de escolas e posto de saúde. Consideremos também que havia o interesse e a necessidade dos administradores da Fábrica em organizar melhor sua produção o que necessitava de pessoas dispostas a morar no bairro, que era distante do centro da cidade ou mesmo da zona norte, mão-de-obra qualificada e sadia, o que justificou a implementação de um centro urbano capaz de atrair e fixar trabalhadores. Consideremos também que o processo não é linear e isento de contradições, pois esse ambiente foi marcado ao longo dos anos por conflitos como a exploração da mão-de-obra, a extensiva jornada de trabalho, as várias crises econômicas, a diminuição dos postos de trabalho e até uma greve de trinta dias no ano de 1934. O funcionamento da Fábrica ocorreu até por volta de 2005 e não se pesquisou os motivos reais pelo qual seu prédio foi vendido, mas o que queremos salientar com essa contextualização é que ela teve um papel fundamental na organização do bairro e que de certa forma deu forma ao núcleo urbano em um momento que nem sempre o Estado se fazia presente.

Um dos pontos levantados na Oficina foi exatamente a verificação de que forma os alunos entendem e se apropriam da história de seu bairro e como vêm as transformações ocorridas com a implementação do *Shopping*.

A interpretação visual dos alunos

Foram realizadas duas saídas fotográficas a pé do Pólo até o Shopping Bangu. A primeira saída contou com a presença de dois professores e dois alunos de fotografia e outras duas alunas da Oficina de Informática. Na segunda saída tivemos também a presença de dois professores, uma mãe de aluna e sete alunos.

No início o professor lembrou que os alunos poderiam fotografar o que quisessem, bastava pedirem a máquina ao colega ou aos professores, contudo deveriam ficar atentos também para o propósito da atividade que era fotografar trabalhadores em suas funções ao longo do caminho, bem como aspectos externos ligados ao Shopping Bangu.

Durante o trajeto pela Rua da Feira alguns alunos fotografaram pessoas trabalhando em lojas e anotaram seus dados, contudo não nos ateremos aqui a esse trabalho, que ainda está se desenvolvendo. Também fotografaram algumas placas de ruas que tem nome de atividades da antiga fábrica (Rua da Fiação, dos Estampadores, dos Tintureiros). Ao chegar ao *shopping*, os professores lembraram que não havia sido autorizada pela administração a fotografia das partes internas, dessa forma a atividade ficou restrita ao espaço do estacionamento.

O espaço do *Shopping* conta com os prédios principais, que tiveram sua arquitetura em parte preservada e na parte da frente um galpão recém construído que abriga uma grande loja de materiais de construção e de objetos para o lar. Este prédio possui linhas mais modernas que em nada se assemelham aos demais, além disso, possui painéis de propaganda nas suas faces externas.

A primeira motivação dos alunos foi fotografarem uns aos outros ou mesmo segurarem a câmera, virar para si e fotografar abraçando o colega. Depois fotografaram como as demais colegas da outra Oficina, explorando o recurso perto/longe onde fotografa-se o prédio, por exemplo, mas aparecendo uma mão ou o corpo inteiro de uma pessoa em primeiro plano, o que gera um tipo de imagem onde parece que o sujeito tem interferência no prédio. Nas fotos mais próximas à portaria do prédio os alunos fotografaram detalhes da fachada como janelas e parte dos telhados.

O segundo grupo percorreu o mesmo trajeto e recebeu as mesmas instruções. Alguns alunos começaram a fotografar as ruas próximas direcionando a câmera para a chaminé vista

5

ao longe. No estacionamento direcionaram a câmera para detalhes da arquitetura e vistas gerais da fachada. Na saída o grupo percorreu uma exposição de painéis fotográficos que existe na portaria do cinema e mostra várias fotos antigas do time do Bangu, da comunidade e do prédio. O total de imagens foi de aproximadamente 40 na primeira saída fotográfica 126 na segunda obtidas com uma câmera digital amadora e uma câmera simples fazendo uso de filmes coloridos e preto & branco.

A análise e a produção de imagens

Ao mesmo tempo em que se quer formar um leitor de imagens, também se deseja um produtor de imagens, onde a fotografia deverá fazer sentido também para aquele que a realiza. Antes das duas saídas fotográficas os alunos tiveram acesso a um livro com imagens da fábrica, desde a época de sua fundação. Neste trabalho optou-se por usar como referência as modificações de espaço da fábrica, atual *shopping* e áreas de entorno.

Ao confrontar as imagens que existem da Fábrica Bangu presentes no livro sobre o seu centenário e as fotos realizadas atualmente, percebe-se que o objetivo de cada uma delas não é o mesmo. Existe uma imagem repetida por alguns fotógrafos que mostra o portão existente entre um prédio e outro com a chaminé percebida parcialmente ao fundo. (foto 1). Atualmente este espaço entre prédios virou uma extensão a céu aberto dos restaurantes que colocam suas mesas ao redor da chaminé desativada. O espaço de circulação mudou, pois agora está ligado ao lazer, com grande concentração de pessoas que se utilizam dos serviços de cada estabelecimento.



Foto 1 - Conjunto entrada principal
Acervo Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos – Rio de Janeiro s/d.
(autor não identificado)



Foto 2 - Área dos restaurantes
Foto dos alunos. Rio de Janeiro, maio de 2008.

A escolha deste local ocorreu porque no livro analisado existe uma foto em destaque e visualmente o espaço chama atenção, pois se vê praticamente toda a chaminé. Quando os alunos se dirigiram ao local quiseram repetir o tipo de foto vista no livro e notaram que havia uma preservação daquilo que eles conheciam (foto 2). Uma aluna lembrou que, segundo uma

6

planta do local, existia trilhos de trem naquele corredor que estavam ligados à estação de Bangu. Era comum algumas fábricas se instalarem próximas à linha férrea e manterem um ramal interno para o transporte de mercadorias.

A questão da familiaridade da pessoa com o lugar ou com aquela imagem foi percebida. Os alunos tinham diferentes percepções deste local, uns desconheciam, outros já haviam passado, porém ser dar muita atenção e outros não se interessaram por analisar aquela área. De um modo geral eles não conheciam as instalações antes de surgir o *shopping*, pois a fábrica funcionara parcialmente por alguns anos e mesmo em funcionamento, não era permitida a visita de pessoas no seu interior. O que se via, portanto eram as paredes externas de tijolo aparente, a torre com o relógio, a chaminé e a caixa de água, ou seja, as edificações mais altas. De um modo geral o conteúdo imagético demonstrou uma percepção de detalhes arquitetônicos, ângulos de observação e composição de imagens com certa preocupação estética. Fotos da caixa d'água, vista de baixo, detalhes do telhado em conjunto com a copa de árvores mostram (fotos 3 e 4), segundo depoimento de dois alunos, um jeito de olhar diferente daquele quando visitam o espaço com amigos ou familiares.



Foto 3 - Chaminé e relógio
Foto dos alunos. Rio de Janeiro, maio de 2008.



Foto 4 – Fachada principal
Foto dos alunos. Rio de Janeiro, maio de 2008.

Nesse sentido, a fotografia entra como mediação do aluno com seu espaço de convivência gerando uma percepção visual que nem sempre lhe é familiar. É também uma forma de apropriação do espaço urbano pois estimula o reconhecimento de fazer parte dos aspectos de seu bairro.

Ao analisar uma foto enquanto documento, devemos considerar o contexto social e cultural em que ela foi elaborada, ou seja, quais foram as razões para o fotógrafo ter realizado aquela foto e o que ele queria mostrar com isso. Considera-se também que tipo de contexto cultural que permitiu que a foto fosse realizada daquela forma. Ciavatta em um estudo sobre as fotografias realizadas dentro de fábricas brasileiras entre 1900 a 1930 mostra que havia um padrão de imagens onde as pessoas apareciam imóveis para o fotógrafo formando uma

7

“família” da fábrica. “A educação do olhar, por meio dessa memória fotográfica, é parte de um processo maior que ensina a cada um o seu lugar e constrói a cidade, a história e diferentes categorias de cidadãos.” (CIAVATTA; ALVES, 2004:54)

Essas fotos seguem um padrão em sua composição e na sua leitura quanto à hierarquia dos cargos explícitos em cada imagem. Além disso, existe o contexto cultural daquele que lê a imagem, já que nenhuma leitura é inocente, pois carrega consigo uma série de valores e conteúdo daquele que vê a imagem.

Quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos. Uma das condições da leitura da imagem seria conhecer, compreender ou ter vivido a situação ou as condições fotografadas, verificando-se que a análise detalhada do conteúdo elimina sua configuração global, que precisa ser recomposta. Além disso, não olhamos apenas para uma foto, sempre olhamos para a relação entre nós e ela. (LEITE, 2000: 145)

Escolhemos fotos que retratam o mesmo espaço arquitetônico em momentos diferentes como uma forma de identificarmos as mudanças e o seu grau de relevância. A foto cinco enquadra a Fábrica ao fundo e tem em primeiro plano o campo de futebol da antiga Rua Ferrer. Este campo não existe mais e hoje deu lugar, aparentemente, ao estacionamento do *shopping* e a uma rua lateral. A escolha dos alunos foi porque o futebol já era presente no início do século XX e também por que este espaço foi bastante modificado a tal ponto que não se consegue facilmente estabelecer os limites do enquadramento do fotógrafo. Além do futebol ser um esporte de grande referência, ele teve início com uma bola clandestina trazida por um operário inglês que passou a jogar partidas com seus colegas em um campo improvisado e que posteriormente se transformou no time do Bangu. Mais tarde, em 1947 a Companhia decidiu construir um estádio próprio para este time, em torno de um quilômetro dali, onde além das partidas era o local de desfiles comemorativos promovidos por ela.



Foto 5 - Antigo campo do Bangu nos jardins da fábrica

Acervo Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos
– Rio de Janeiro s/d. (autor não identificado)

Considerações parciais

Vivemos em um ambiente em que os dispositivos visuais são cada vez mais presentes e a Educação também deve abordar uma reflexão sobre o conteúdo imagético presente na sociedade. No contexto da Oficina de Fotografia percebemos que os alunos vão, à medida que se apropriam dos recursos técnicos, adquirindo novas interpretações sobre a sua imagem, seu comportamento e também sobre as a forma de interagir com a família, escola e amigos.

O estudo de um lugar tem na fotografia um grande aliado pois é possível resgatar sua memória contextualizando em sua época. Se a identificação com esse passado não foi comum a todos os alunos da Oficina, pelo menos serviu como uma demonstração sobre a cultura da época e a atual. Mesmo não vivendo na época da Fábrica Bangu, ao menos começam a ter noções da sua importância na constituição do bairro.

As imagens fotográficas resultantes deste trabalho demonstram uma percepção do aluno com o ambiente que vive e serviram de estímulo para gerar um “estranhamento” em relação ao lugar comum. Neste processo, pretende-se que a fotografia se torne uma forma de se expressarem e de se sentirem parte do bairro que moram.

Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *Leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo, Cortez, 2005.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo, Edusp, 1993.

SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. *Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro*. Rio de Janeiro: Sabiá Produções Artísticas, 1989 (ilustrado).